

A leitura e seus problemas

ISABEL MACEDO PINTO ABREU LIMA

De todas as aprendizagens que as crianças têm que fazer ao entrar para a escola, a leitura e a escrita são certamente as mais fundamentais. Compreender uma lição, fazer um trabalho em casa, terminar um projecto, são situações que as crianças resolvem com facilidade quando sabem ler e escrever, e onde dificilmente obterão êxito se não dominarem esses instrumentos básicos de aprendizagem.

Psicólogos e educadores desde há muito tempo se interrogam acerca do porquê das dificuldades de leitura e escrita com que algumas crianças se confrontam, que implicam o desperdício da maior parte do tempo passado na escola. Muitas hipóteses foram sendo avançadas tentando encontrar os factores responsáveis. Para alguns, o problema localizava-se na percepção visual. A criança com problemas de leitura apresentaria dificuldades em capacidades tais como a discriminação de formas, encontrar semelhanças e diferenças entre figuras, memorização de formas, etc. Outras hipóteses apontavam para outros factores como sendo os responsáveis, sem que nenhuma recebesse comprovação experimental. Falava-se em problemas na motricidade ocular, no esquema corporal, na lateralização, no desenvolvimento dos conceitos de espaço e tempo e até a nível cerebral, mas ninguém estava seguro quanto à real origem dos problemas.

É muito provável que todas estas capacidades estejam de alguma forma implicadas nos problemas de leitura, sem que nenhuma delas no entanto possa ser identificada como causa directa.

Os autores que têm aprofundado a área da consciência fonológica, ou seja, a percepção que a criança tem dos sons de uma língua e das suas relações, chegaram a algumas conclusões interessantes. Assim, e a título de exemplo, tudo indica que a noção de rima é um precursor extremamente importante da aprendizagem da leitura. Por outras palavras, é importante trabalhar com a criança pequena, se possível em idade pré-escolar, os aspectos relacionados com os sons das palavras, tais como a rima: o que é rimar, que palavras rimam e porquê.

Apesar das dúvidas que ainda subsistem na compreensão científica dos processos de aprendizagem da leitura e escrita, muitos progressos têm sido feitos ao nível da intervenção e da prática, dispondo actualmente os professores, psicólogos e outros técnicos de muitos conhecimentos e técnicas cujos resultados poderão ser positivos se aplicados devidamente.

Uma verdade persiste: o ideal é sem dúvida prevenir o aparecimento dos problemas, e para isso, a colaboração entre os profissionais e os pais é preciosa e insubstituível. O que está em questão não é somente ensinar as crianças a ler: é preciso querer ler!

As escolas, locais por excelência de encontro com os livros, deveriam tornar o maior número possível de crianças em leitores activos e curiosos. Os livros deveriam ocupar um espaço e um tempo próprios, para se poderem impor na vida quotidiana da classe. Para tal seria necessário respeitar algumas condições, necessárias ao despertar do gosto e do interesse pela leitura e a verdade é que a maior parte das escolas enfrenta sérias dificuldades para oferecer às crianças condições adequadas. Senão vejamos.

A leitura é uma actividade essencialmente individual, privada e íntima. Há quem diga até que ler é um acto essencialmente solitário. Mas na escola, o professor lida com um grupo heterogéneo de crianças que deve fazer progredir de forma solidária. Daí que desta dualidade indivíduo-grupo decorram toda uma série de constrangimentos.

A leitura também não se compatibiliza com horários impostos. Diferentes indivíduos têm diferentes ritmos de leitura e cada criança tem que encontrar o seu, lendo quando lhe apetece à velocidade que lhe aprouver. Isto não é possível no contexto da escola, onde normalmente a criança deve ler sem que isso lhe apeteça, e onde há muitas vezes que acelerar ou pelo contrário atrasar a leitura, a fim de acompanhar o grupo.

Ler implica comodidade. Saborear um livro requer uma posição relaxada, usufruindo de um à-vontade simultaneamente físico e psíquico que é inerente ao prazer de ler. E embora algumas escolas prestem já alguma atenção a este aspecto, proporcionando às crianças espaços de leitura confortáveis, a verdade é que na maioria delas a criança tem que ler em posição desconfortável e rígida.

A imposição de determinadas leituras é um outro factor que não abona a favor do trabalho realizado no contexto da escola. Se bem que é importante promover, no seio do grupo de alunos, uma cultura comum, o que explica ser esta uma prática escolar típica, a verdade é que fazê-lo implica ignorar as diferenças de interesses e de maturidade dos alunos, correndo-se o risco de os circunscrever e até empobrecer.

Estes constrangimentos não são irresolúveis nem definitivos. Pelo contrário, não faltam exemplos de escolas onde os vários intervenientes (professores, pais, alunos) souberam contorná-los, introduzindo modificações nos espaços, nos materiais, e nos próprios métodos de ensino. As bibliotecas infantis prestam também a este nível uma ajuda prestimosa, amplifi-

cando e potenciando o papel que a escola não está muitas vezes em condições de desempenhar completamente.

É verdade que aprender a ler e a escrever requer integridade e maturidade das estruturas biológicas e psicológicas. No entanto, é também verdade que estas aprendizagens só farão sentido para a criança assumindo o seu real valor instrumental se as condições que as rodeiam lhe permitirem desenvolver o desejo e o gosto pela aprendizagem. Mais do que conhecimentos, a escola deve ensinar atitudes. Para tal, é fulcral a cooperação e reflexão entre os responsáveis em cada contexto escolar, promovendo essas condições no trabalho do dia-a-dia, com vista à prevenção dos problemas de aprendizagem das crianças.